

«Porque é que ‘tão a olhar para mim?
Não vim para ficar...»

Não é que me tivesse propriamente esquecido, não conseguia era lembrar-me. Havia outras coisas mais importantes.

«Porque é que ‘tão a olhar para mim?
Não vim para ficar...»

Se me conseguia lembrar do resto do poema ou não era irrelevante. A verdade daquela afirmação era como um lenço amassado, encharcado nos meus punhos, e quanto mais cedo aceitassem isso, mais depressa eu poderia abrir as mãos e deixar o ar arrefecer-me as palmas.

«Porque é que ‘tão a olhar para mim...?»

Os meninos da ala infantil da Igreja Metodista Episcopal de Pessoas de Cor contorciam-se de riso por causa do meu proverbial esquecimento.

Levava um vestido de tafetá alfazema e, sempre que inspirava, o tecido restolhava e, como eu estava a sorver ar e a expirar vergonha, o ruído fazia lembrar o papel crepe que se usa na traseira dos carros funerários.

Enquanto observava a Mãezinha a pôr folhos na bainha e umas preguinhas bonitas na cintura, soube que, assim

que o vestisse, iria parecer uma estrela de cinema. (Era de seda, o que compensava a cor horrorosa.) Eu ia parecer uma daquelas meninas brancas e graciosas, que encarnavam tudo o que havia de bom no mundo, o ideal de toda a gente. Delicadamente pousado em cima da máquina de costura *Singer* preta, o vestido era mágico, e, quando as pessoas me vissem com ele, viriam ter comigo a correr e diriam: «Marguerite [às vezes, era “querida Marguerite”], por favor perdoa-nos, não sabíamos quem eras», e eu responderia, generosamente: «Não, não podiam saber. É claro que vos perdoo.»

Só de pensar nisso, andei com pozinhos de fada espalhados na cara durante dias. Mas no dia de Páscoa, bem cedo, o sol mostrara que o vestido era pura e simplesmente feio, e que tinha sido feito a partir de uma peça, em tempos roxa, que uma mulher branca deitara fora. Ainda por cima, era comprido como o vestido de uma velhinha, mas não o suficiente para esconder as minhas pernas escanzeladas, que tinham sido besuntadas com vaselina *Blue Seal* e estavam salpicadas de poeira vermelha do Arkansas. A cor desbotada pelo tempo dava à minha pele uma aparência suja como lama, e toda a gente na igreja estava a olhar para as minhas pernas magricelas.

As pessoas iam ficar tão espantadas no dia em que eu acordasse do meu sonho negro e feio, e em que o meu verdadeiro cabelo, que era comprido e louro, tomasse o lugar da carapinha que a Mãezinha não me deixava alisar! Os meus olhos azul-claros iam hipnotizá-las, depois das coisas todas que disseram, que o meu «pai devia ser chinoca» (pensei que isso queria dizer feito de porcelana chinesa, como uma chávena), por os meus olhos serem tão pequenos e semi-cerrados. Perceberiam, então, porque é que nunca apanhei o sotaque sulista nem usava a gíria comum, e porque é que tinham de me obrigar a comer rabo e focinho de porco. Porque eu era mesmo branca, e porque uma madrasta cruel,

que naturalmente tinha inveja da minha beleza, me transformara numa menina negra demasiado grande, de cabelo preto encarapinhado, pés largos e uma falha entre os dentes onde cabia um lápis número dois.

«Porque é que ‘tão a olhar...» A mulher do pastor da igreja debruçou-se para mim, com o comprido rosto amarelo cheio de pesar, e sussurrou:

– Vim só dizer-vos que hoje é dia de Páscoa.

Colando as palavras umas às outras, repeti:

– Vimsódizer-vosquehojeédiadePáscoa – o mais baixo possível. Os risinhos pairavam como nuvens carregadas à espera de se desfazerem em chuva sobre mim. Levantei dois dedos junto do peito, o que queria dizer que tinha de ir à casa de banho, e dirigi-me em bicos de pés para o fundo da igreja. Vagamente, algures por cima da minha cabeça, ouvi umas senhoras a dizer: «Deus abençoe esta criança» e «Deus seja louvado». Eu levava o queixo levantado e os olhos abertos, mas não via nada. A meio da nave, a igreja irrompeu num coro que perguntava: «Onde estavas quando crucificaram nosso Senhor?», e eu tropecei num pé que estava espetado para fora do banco das crianças. Cambaleei e abri a boca para dizer qualquer coisa, ou talvez para gritar, mas um dióspiro verde, ou talvez fosse um limão, apanhou-me entre as pernas e contraiu-se. Senti o amargo na língua e o ácido no fundo da boca. Antes de chegar à porta, já o ardor me queimava pelas pernas abaixo até às meias domingueiras. Tentei conter-me, retraindo-me para o abrandar, mas quando cheguei ao alpendre da igreja percebi que tinha de o soltar, senão provavelmente subia-me pelo corpo acima até à cabeça e a minha pobre cabeça ia rebentar como uma melancia que se espatifa no chão, e os miolos e o cuspo e a língua e os olhos rolariam para todos os lados. Por isso, corri para o adro e soltei-me. Corri, fazendo chichi e chorando, não para a latrina nas traseiras, mas para casa. Ia levar uma sova

por causa daquilo, de certeza, e os meninos malvados iam ter mais uma coisa para fazer troça de mim. Apesar de tudo, ri-me, em parte pela doce sensação de alívio; mas a grande alegria que senti foi não só por me ter livrado da igreja, mas também por ter descoberto que não ia morrer por me explodir a cabeça.

Se crescer é doloroso para uma menina negra do Sul, ter consciência do seu desajuste é a ferrugem na navalha que lhe ameaça o pescoço.

É um insulto desnecessário.

1

Quando eu tinha três anos e o Bailey quatro, chegámos à povoaçãozinha bafienta, com etiquetas nos pulsos a informar – «A Quem de Direito» – que éramos Marguerite e Bailey Johnson Jr., de Long Beach, na Califórnia, a caminho de Stamps, no Arkansas, ao cuidado de Mrs. Annie Henderson.

Os nossos pais tinham decidido pôr um ponto final no seu casamento desastroso, e o meu pai mandou-nos para casa da mãe dele. Os nossos pertences foram confiados a um carregador – que se apeou no Arizona, no dia seguinte – e o meu irmão levava os nossos bilhetes presos com um alfinete no bolso interior do casaco.

Pouco recordo da viagem, mas, quando chegámos à parte sulista, a parte segregada, da nossa viagem, as coisas devem ter-se tornado mais animadoras. Os passageiros negros, que viajavam sempre com marmitas cheias, condoeram-se dos «coitadinhos sem mãe» e encheram-nos de salada de batata e galinha frita.

Anos depois, descobri que os Estados Unidos tinham sido atravessados milhares de vezes por crianças negras assus-

tadas, que viajavam sozinhas para casa dos seus novos pais abastados em cidades do Norte, ou de regresso a casa das avós em terras do Sul, quando o Norte urbano faltou às suas promessas económicas.

A povoação reagiu a nós da mesma maneira que todos os seus habitantes tinham reagido a tudo o que era novidade antes da nossa chegada. Olhou-nos durante uns tempos sem curiosidade mas com cautela e, quando decidiu que éramos inofensivos (e crianças), acolheu-nos como uma verdadeira mãe adopta o filho de um desconhecido. Com carinho, mas sem demasiada intimidade.

Vivemos com a nossa avó e o nosso tio nas traseiras da Loja (as pessoas referiam-se-lhe sempre com L maiúsculo), de que ela era proprietária havia vinte e cinco anos.

No início do século, a Mãezinha (rapidamente deixámos de a tratar por Avó) vendia almoços aos homens da serração (Stamps oriental) e aos homens da descaroadora de algodão (Stamps ocidental). As suas empadas de carne estaladiças e a sua limonada fresca, aliadas a uma miraculosa capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo, garantiram-lhe o êxito do negócio. Deixou de fazer a venda ambulante de almoços e montou uma banca entre os dois pontos de interesse comercial, suprimindo as necessidades dos trabalhadores durante uns anos. Depois, construiu a Loja no coração da zona negra. Ao longo dos anos, tornou-se o centro secular de actividades da terra. Aos sábados, os barbeiros sentavam os clientes na sombra do alpendre da Loja, e os cantadores, nas suas incessantes andanças pelo Sul, debruçavam-se sobre os bancos e cantavam as suas canções tristes do rio Brazos, enquanto tocavam berimbaus de boca e guitarras feitas com caixas de charutos.

O nome oficial da Loja era Loja de Mercadorias Wm. Johnson. Nela, os clientes encontravam produtos alimentares, uma boa variedade de linhas de diferentes cores, farelo para

porcos, milho para galinhas, querosene para candeeiros, lâmpadas para os ricos, atacadores, produtos para o cabelo, balões e sementes de flores. O que não houvesse na Loja podia ser encomendado.

Até nos familiarizarmos o suficiente com a Loja e ela connosco, foi como se estivéssemos trancados numa Casa de Diversões da qual o funcionário se tivesse ausentado para o resto da vida.

Todos os anos, eu via o campo do outro lado da Loja tornar-se verde-lagarta e, depois, aos pouquinhos, branco-geada. Sabia exactamente quanto tempo passaria até que as grandes camionetas entrassem no pátio da frente e embarcassem os apanhadores de algodão ao raiar do dia, transportando-os para o que restava das plantações do período da escravatura.

Durante a época da colheita, a minha avó levantava-se às quatro da manhã (ela nunca usou um relógio-despertador), punha-se penosamente de joelhos e cantava numa voz ensonada: «Pai Nosso, obrigada por me deixares ver este Novo Dia. Obrigada por não teres permitido que a cama onde dormi esta noite se tornasse a tábua onde repousava o meu cadáver, nem o cobertor o meu sudário. Guia os meus pés neste dia para que não se desviem do caminho certo e ajuda-me a pôr freio na língua. Abençoa esta casa e todos os que nela vivem. Obrigada, em nome do teu Filho, Jesus Cristo, Ámen.»

Antes de estar completamente desperta, chamava os nossos nomes e distribuía ordens, enfiava os pés grandes numas pantufas improvisadas e atravessava o soalho despido, lavado com lixívia, para ir acender o candeeiro de querosene.

A luz do candeeiro na Loja conferia ao nosso mundo um suave toque de faz-de-conta, que me dava vontade de sussurrar e andar em bicos de pés. Os cheiros a cebola, laranja

e querosene tinham passado a noite a conviver e só eram perturbados quando retirávamos a tranca da porta e o ar matinal irrompia pelo espaço dentro, juntamente com os corpos das pessoas que tinham percorrido quilómetros a pé para chegarem ao local onde as iriam apanhar.

«Quería duas latas de sardinhas, irmã.»

«Vou trabalhar tão depressa hoje que vai parecer que vossemecês não se mexeram.»

«Dê-me um naco de queijo e umas bolachas de água e sal.»

«Passe-me aí dois bocados de *nougat* de amendoim bem gordos», pedia um apanhador, escolhendo o almoço. Enfiava o saco gorduroso de papel pardo por trás do peitilho das jardineiras, e o doce seria uma bucha antes que o sol do meio-dia mandasse os trabalhadores descansar.

Nessas manhãs brandas, a Loja enchia-se de risos, piadas, gabarolices e fanfarronadas. Um homem ia apanhar cem quilos de algodão, e outro cento e cinquenta. Até as crianças prometiam trazer para casa cinquenta ou setenta e cinco cêntimos.

O campeão da apanha da véspera era o herói da alvorada. Se profetizasse que o algodão do campo desse dia seria esparso e ficaria agarrado como cola aos capulhos, todos os que o ouviam resmoneavam vigorosamente em sinal de acordo.

O som das sacas de algodão vazias a arrastarem no chão e os murmúrios das pessoas ainda a acordar eram interrompidos pelo retinir da máquina registadora, por cada vez que caía uma venda de cinco cêntimos.

Se os cheiros e ruídos da manhã tinham um toque de sobrenatural, os do entardecer exibiam todas as características da vida normal no Arkansas. À luz morredoira do sol, eram as pessoas, e não as sacas de algodão vazias, que se arrastavam.

Transportados de volta para a Loja, os apanhadores desciam da traseira dos camiões e deixavam-se cair, assaz

desiludidos, no chão. Por muito algodão que tivessem apanhado, não era suficiente. Os seus salários não chegavam sequer para cobrir as dívidas que tinham na minha avó, já para não falar na conta astronómica que os esperava na mercearia dos brancos na baixa.

Os sons da nova manhã eram então substituídos por resmungos sobre casas trapaceiras, balanças viciadas, cobras, escassez de algodão e filas poeirentas. Anos mais tarde, eu insurgir-me-ia com tanta raiva contra a imagem estereotipada dos apanhadores de algodão contentes e cantarolantes, que até outros negros me diziam que a minha paranóia era embaraçosa. Mas eu tinha visto os dedos cortados pelos malvados capulhos do algodão e testemunhara as costas derreadas e os ombros e os braços e as pernas incapazes de obedecer a mais exigências.

Alguns dos trabalhadores deixavam as sacas na Loja para depois as levarem no dia seguinte de manhã, mas outros tinham de as levar para casa, para as remendarem. Eu estremeia só de os imaginar a coser o tecido grosseiro à luz de um candeeiro de querosene, com os dedos doridos do dia de trabalho. Daí a pouquíssimas horas, teriam de voltar a pé para a Loja da irmã Henderson, comprar provisões e subir, outra vez, para a traseira de um camião. Depois, teriam mais um dia pela frente, mais uma tentativa de ganharem o suficiente para o ano inteiro, sabendo penosamente que iam acabar a época tal como a tinham começado. Sem o dinheiro ou o crédito necessários para sustentarem uma família durante três meses. Na época da colheita do algodão, os finais de tarde revelavam a dureza da vida dos negros no Sul, que, de manhã cedo, fora suavizada pela dádiva da natureza que era o torpor, o esquecimento e a luz suave do candeeiro.